

## **PERITONITE INFECCIOSA FELINA NEUROLÓGICA: REVISÃO DE LITERATURA SOBRE EVIDÊNCIAS RECENTES ODS (3)**

Yasmin Laura da Silva Richetto (Universidade de Taubaté)  
Igor Di Clemente Campos (Universidade de Taubaté)  
Kauan Gonçalves Moraes (Universidade de Taubaté)  
Nelson Hiroshi Kiguti (Universidade de Taubaté)  
Luis Arthur Fonseca Moric Araujo (Universidade de Taubaté)

A Peritonite Infecciosa Felina na forma neurológica constitui uma das manifestações mais complexas da doença, resultante de mutações do coronavírus entérico felino que adquirem tropismo por macrófagos, desencadeando inflamação granulomatosa, vasculite e necrose em estruturas do sistema nervoso central, incluindo meninges, parênquima cerebral e ventrículos. Tais alterações produzem sinais clínicos variados, como ataxia, convulsões, alterações comportamentais, nistagmo e paralisias, refletindo a gravidade do quadro, de modo que compreender os mecanismos envolvidos torna-se essencial para manejo preventivo e terapêutico. O objetivo desta revisão foi sintetizar evidências recentes sobre a patogênese, os métodos diagnósticos e os avanços terapêuticos da forma neurológica da PIF. Para tanto, a metodologia consistiu em revisão bibliográfica em bases científicas indexadas, abrangendo séries de casos, revisões sistemáticas e diretrizes publicadas na última década, com ênfase em dados clínicos e laboratoriais relevantes. Os achados indicam que a manifestação neurológica pode ocorrer como extensão da forma seca ou como apresentação primária, sendo mais frequente em animais jovens, imunossuprimidos ou expostos a estressores ambientais, fatores que favorecem a emergência da mutação patogênica e aumentam a suscetibilidade do hospedeiro, evidenciando a necessidade de estratégias preventivas. Outrossim, o diagnóstico requer avaliação clínica detalhada associada a exames de imagem, especialmente ressonância magnética, capaz de identificar alterações compatíveis com inflamação e necrose cerebral. Além disso, a detecção de RNA viral por RT-qPCR em líquido cefalorraquidiano ou tecido neural apresenta elevada especificidade e aprimora a acurácia diagnóstica quando combinada com análises citológicas e proteicas, de modo que a integração de testes moleculares com dados clínicos e laboratoriais aumenta a probabilidade diagnóstica, sobretudo diante de sinais neurológicos evidentes. No campo terapêutico, avanços significativos ocorreram com antivirais nucleosídicos, como GS-441524, seus derivados e molnupiravir, capazes de induzir remissão clínica mesmo em casos neurológicos, embora sejam necessários esquemas de doses elevadas e tratamentos prolongados para atravessar a barreira hematoencefálica. Entretanto, a taxa de recaída e a disponibilidade limitada desses fármacos permanecem desafios éticos e clínicos,

e estudos iniciais sugerem que a combinação com inibidores de protease pode potencializar a resposta terapêutica e reduzir o tempo de tratamento, ainda que sejam necessários ensaios adicionais. Portanto, conclui-se que, embora a terapia antiviral tenha melhorado significativamente o prognóstico da PIF neurológica, persistem limitações como variabilidade nos protocolos, custo elevado, dificuldade diagnóstica e ausência de critérios padronizados de cura. Nesse contexto, a temática também se relaciona à ODS 3, por envolver estratégias de promoção da saúde e bem-estar animal, fundamentais para a saúde única e a prevenção de zoonoses. Recomenda-se associar medidas de manejo sanitário e prevenção em ambientes coletivos com diagnóstico molecular direcionado, bem como protocolos antivirais adaptados ao acometimento do tecido neural central. Ademais, pesquisas futuras devem focar na otimização do doseamento para garantir penetração adequada no sistema nervoso central e na avaliação de desfechos clínicos a longo prazo, assegurando abordagens terapêuticas mais eficazes e seguras para esta forma grave da doença.

**Palavras-chave:** Peritonite Infeciosa Felina; Coronavírus Felino; Sistema Nervoso Central; RT-qPCR; GS-441524.